



LINGUAGEM VISUAL E TRABALHO DE CAMPO: A FOTOGRAFIA ENQUANTO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NA CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR.

Gabriel Carvalho Cabral ¹

RESUMO

O manuseio de elementos visuais, como a fotografia, ocupa uma função central na sociedade contemporânea perceptível pela disponibilidade de recursos midiáticos e imagéticos. Ao entender que a escola se apresenta como um reflexo da sociedade constituída por indivíduos que estão inseridos nesse contexto, torna-se necessário pensar o emprego desses instrumentos no processo de ensino e aprendizagem. Para sustentar a discussão abordou-se sobre aspectos da imagem fotográfica, ensino de geografia, trabalho de campo e cotidiano nas perspectivas de alguns autores como CASTELLAR; JULIASZ (2017), GERHARDT; SILVEIRA (2017), NOVAES (2011), OLIVEIRA JUNIOR; GIRARDI (2011), SANDERS (2007), SANTOS (2006), STEINKE; REIS JUNIOR; COSTA (2014), STRAFORINI (2004), entre outros. Quanto a metodologia, os instrumentos para produzir a análise de cunho qualitativo dividido em dois percursos foram revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Como resultado a pesquisa apresenta um roteiro de atividades que relacionam fotografia e cotidiano através do trabalho de campo. Busca-se com essa proposta explorar as potencialidades da fotografia levando em considerando a necessidade de apropriação da ferramenta pelos alunos uma vez que eles se encontram inseridos em um contexto social em que a visualidade possui papel essencial.

Palavras-chave: Fotografia, Trabalho de campo, Linguagem visual, Alfabetização geoespacial, Ensino de geografia.

RESUMEN

El manejo de elementos visuales, como la fotografía, ocupa una función central en la sociedad contemporánea, perceptible por la disponibilidad de medios y recursos de imagen. Al entender que la escuela se presenta como un reflejo de la sociedad constituida por individuos que se insertan en este contexto, se hace necesario pensar en el uso de estos instrumentos en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Para apoyar la discusión se abordó sobre aspectos de la imagen fotográfica, la enseñanza de la geografía, el trabajo de campo y la vida cotidiana en las perspectivas de algunos autores como CASTELLAR; JULIASZ (2017), GERHARDT; SILVEIRA (2017), NOVAES (2011), OLIVEIRA JUNIOR; GIRARDI (2011), SANDERS (2007), SANTOS (2006), STEINKE; REIS JUNIOR; COSTA (2014), STRAFORINI (2004), entre otros. En cuanto a la metodología, los instrumentos para producir el análisis de naturaleza cualitativa divididos en dos vías fueron la revisión de la literatura y la investigación de campo. Como resultado, la

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, gcarvalho996@gmail.com;



investigación presenta un guión de actividades que relacionan la fotografía y la vida cotidiana a través del trabajo de campo. Se busca con esta propuesta explorar las potencialidades de la fotografía teniendo en cuenta la necesidad de apropiación de la herramienta por parte de los alumnos una vez que se insertan en un contexto social donde la visualidad tiene un rol esencial.

Palabras clave: Fotografía, Trabajo de campo, Lenguaje visual, Alfabetización geomagética, Enseñanza de la geografía.

INTRODUÇÃO

O olhar jamais foi apático, isento de intencionalidade e significação. Da mesma forma, observar, produzir, sistematizar e disseminar o olhar por meio de imagens significa representar elementos e aspectos geográficos por meio de um processo determinado pelo sujeito que a simboliza.

A produção e utilização de imagens para representar e simbolizar fatos não constitui um processo atual já que “as mensagens imagéticas fazem parte da expressão da cultura humana desde as pinturas rupestres da pré-história” (STEINKE, 2014, p. 47). Considerar o atual estágio da sociedade contemporânea denota uma disponibilidade de recursos visuais muito disseminados ao longo do tempo que possuem uma narrativa que retrata o movimento espacial humano.

Ainda, este espaço cada vez mais “encorpado, mais denso, mais complexo” (SANTOS, 2006, 132) e requer uma análise que seja capaz de abarcar as marcas paisagísticas, também de caráter simbólico que caracterizam-se pela multiplicidade das relações e fenômenos que acontecem escalarmente do local ao global. Essa complexidade dos processos espaciais pode tornar a aprendizagem da Geografia confusa e inviabilizar o aluno de “estabelecer hipóteses, observar, descrever, representar e construir suas explicações é uma prática que não condiz mais com o mundo atual e uma educação voltada para cidadania” (STRAFORINI, 2004, p. 17).

As possibilidades de representações imagéticas são variadas, mas este trabalho tem como objetivo geral explorar a fotografia como um recurso que promove uma alfabetização geomagética a partir do trabalho de campo. Os objetivos específicos consistem em: 1) discutir a prática e a expressão fotográfica como forma de observação, representação e compreensão dos processos geográficos; 2) apresentar as potencialidades da fotografia no ensino de geografia a partir do cotidiano; 3) por fim propor a fotografia



como forma de representação em um conjunto de atividades que relacionem o cotidiano e o trabalho de campo.

O trabalho torna-se pertinente uma vez que a Geografia é confrontada diariamente com novas formas de ler e experienciar o espaço. Essas novas formas de captar o espaço estão cada vez mais imersas no cotidiano escolar e põem em questão como são utilizadas para alcançar um ensino crítico e transformador. Além disso, a fotografia aliada aos conhecimentos geográficos e às práticas espaciais cotidianas do aluno pode ser capaz de tornar a disciplina inteligível favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

Para viabilizar os objetivos propostos, essa pesquisa será pautada em um método qualitativo disposto em duas etapas que busca apresentar um elo entre fotografia cotidiana e trabalho de campo: revisão bibliográfica e a pesquisa de campo que abarca a realização da oficina e o grupo focal. No primeiro momento, será realizada a pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos científicos a respeito do papel que a fotografia desempenha na construção do conhecimento geográfico, suas aproximações entre o ensino e as vivências dos alunos, além da importância do uso da fotografia na prática de campo na geografia escolar. Da mesma forma, serão levados em consideração documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a fim de sustentar e exemplificar o estímulo ao uso das novas tecnologias e ferramentas alternativas no ensino da Geografia.

A pesquisa de campo caracteriza-se pela coleta dos dados e informações junto aos indivíduos no local alvo da pesquisa, ou seja, compreende ir à escola, observá-la, e a condução dos alunos à prática de campo. Além disso, se configura como uma pesquisa participante, uma vez que existe uma relação, um vínculo entre o pesquisador e o pesquisado (GERHARDT, SILVEIRA, 2009). Nessa etapa, as possibilidades com a linguagem fotográfica através da oficina serão apresentadas aos alunos, assim como o campo, a produção fotográfica, a utilização do Instagram como plataforma de compartilhamento da produção, além da realização do grupo focal para o levantamento de resultados da atividade. A fotografia será apresentada como uma forma não usual de observar o cotidiano e para isso pretende-se discutir a leitura de imagens os múltiplos olhares e interpretações de uma fotografia e que o uso e manejo da fotografia para a



Geografia envolve uma série de elementos técnicos como composição, enquadramento, ângulo, exposição, entre outros, que interferem no produto final do processo fotográfico. Nessa perspectiva, nas palavras de Steinke (2014, p. 60)

entende-se como fotografia o produto final de uma ação do fotógrafo que, diante do recurso tecnológico disponível e acessível num dado momento cronológico e de um espaço geográfico, selecionou um tema e um enquadramento para ser registrado.

A coleta e análise serão realizadas à luz da bibliografia e do embasamento teórico produzido. Também serão analisadas as fotografias feitas pelos alunos na prática de campo, que permitirão constatar o uso e eficácia da ferramenta a partir das técnicas básicas para representação e a sistematização e desenvolvimento intelectual e crítico dos alunos no que se refere à estruturação da geografia escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Passamos por uma tendência habitual da vida cotidiana de não interpretar as imagens que recebemos por diferentes veículos midiáticos a todo momento, mas, ao mesmo tempo, estamos inseridos em uma sociedade é preciso “ver para crer” (AZEVEDO, 2000). Diante disso, verifica-se a importância e necessidade de uma alfabetização geoimagética a partir do espaço escolar, isto é, propiciar o estudo que se estende desde a leitura das imagens já disseminadas até a produção própria por parte dos sujeitos que compreende a apreensão do espaço.

Tanto para ler uma imagem fotográfica quanto para produzi-la exige-se uma série de habilidades que podem criar mecanismos de compreensão da geografia posto que “a imagem quando coletada, processada, organizada e divulgada, poderá ser um instrumento de excelência para a conscientização e percepção de fatos geográficos” (STEINKE, 2014, p. 52).

Por essa razão, é indispensável que o aluno a partir de sua realidade cotidiana seja capaz de pensar espacialmente e raciocinar geograficamente e que saiba manipular ferramentas de representação que facilitem a consolidação da compreensão do espaço (CASTELLAR, JULIASZ, 2017). Considerando que é no cotidiano que os processos espaciais são consolidados por meio da análise, observação, investigação e representação



da realidade vivenciada. Nesse sentido, “o estudo do meio é o melhor jeito [...] de mostrar aos alunos o caráter complexo da realidade” (BETING, 2003, p 39).

Silva (2002, p. 66), afirma que

o trabalho de campo vem a ser toda atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar.

O estudo e observação do meio pelo campo, usualmente, acompanha o registro do que é observado e identificado, ou seja, o investigador utiliza uma ferramenta a fim de representar o seu objeto de estudo. Esse registro pode ser uma anotação, um desenho, um croqui, uma gravação, fotografia, etc. (CANTO, CABRAL, 2017).

Com isso, a fotografia como forma de representação possibilita ao aluno gerar e compreender novos conceitos, estabelecer uma relação entre o que é registrado e os princípios geográficos já sistematizados, permite perceber as diferentes formas e organizações espaciais, comparar objetos na paisagem, analisar as mudanças espaciais ocorridas ao longo do tempo, ou seja, a fotografia é uma representação das vivências, uma leitura intermediada pelo instrumento, suas técnicas e a intencionalidade do indivíduo que realiza o ato de registrar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a pesquisa está em andamento, denoto como principal resultado o roteiro de atividades com a fotografia. Desvelar o registro fotográfico como um elemento que dispõe de potencialidades que ultrapassem o caráter de um recurso decorativo, secundário, associado ao texto, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem encontra-se inserido em um contexto imagético, tecnológico e midiático.

Primeiro, é necessário considerar que há uma disposição espacial, social, política, econômica e cultural que oportuniza o registro fotográfico, ou seja, é uma imagem que revela como o espaço foi concebido pela sociedade que o produziu. Segundo, a fotografia é um fruto de uma construção de um significado que adquire signos sociais diferentes devido ao tempo e ao espaço em que são produzidas. Além disso, é uma mensagem sujeita a inúmeras leituras, uma vez que entre quem registra e a fotografia existe uma intencionalidade, uma escolha, uma preferência de ângulo, enquadramento, foco, luz,



sombra, movimento, “que definem omissões e destaques na re-presentação dos espaços” (NOVAES, 2011, p. 11).

Por isso o estudo propõe a fotografia como um procedimento científico, cultural e pedagógico a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem da geografia escolar. Essa prática permite ao observador conhecer, identificar, registrar e compreender as dinâmicas e organizações espaciais oriundas da relação dialética entre sociedade-natureza.

É importante lembrar que o registro do que é observado no trabalho de campo é inevitável, e como afirma Wunder (2006) a fotografia se constitui como um “pacote de informações” por produzir dados sobre o que é observado. O trabalho de campo simboliza uma prática crucial de leitura e compreensão do espaço geográfico, pois inter-relaciona os conhecimentos adquiridos e a execução, por meio da espacialidade e apropriação do aluno, na construção do próprio conhecimento.

“Em Geografia, assim como em Fotografia, há de início o olhar” (STEINKE, JUNIOR, COSTA, 2014, p. 6) e, indo ao encontro dessa afirmação, Oliveira Junior e Girardi (2011, p. 4) afirmam/ressaltam/sustentam/... que “as linguagens produzem o mundo”, então se entende que o modo que conhecemos o mundo a nossa volta está totalmente relacionado às formas de simbolizá-lo. À vista disso, o uso da fotografia requer que os alunos “registrem a complexidade, classifiquem as informações, procurem – e encontrem – padronizem e criem significado” (SANDERS, 2007, p. 185), isto é, o uso e apropriação da fotografia enquanto ferramenta de representação agregado ao cotidiano do aluno possibilita e oportuniza transcender a simples atividade de observação e compreender o dinamismo do espaço geográfico.

Para isso, será realizada uma oficina de fotografia em que os conteúdos versam sobre o que imagem, seus usos e aplicações na atualidade, leitura de imagens, produção e técnicas fotográficas, edição de imagens, formas de compartilhamento. Essa base se insere em um conjunto de atividades que objetiva relacionar fotografia e cotidiano através da prática de campo.

As atividades da oficina foram divididas em três encontros (Tabela 1). Cada encontro terá em torno de duas horas, o que corresponde a aproximadamente duas aulas. Os conteúdos foram separados obedecendo uma ordem lógica de aprendizado da ferramenta e imersão dos alunos.



1º encontro	Leitura de imagens, técnicas fotográficas, trabalho de campo e cotidiano.
2º encontro	Edição de imagens e compartilhamento.
3º encontro	Grupo Focal

Tabela 1: divisão das atividades da oficina.

Cada ponto a ser tratado na oficina busca conhecer e entender qual a relação dos alunos com a imagem fotográfica e explorar as possibilidades de representação no cotidiano. Nesse sentido, o exercício de leitura de imagens consiste em uma investigação de familiaridade com as imagens fotográficas, ou seja, compreender como os alunos recebem as imagens e se possuem uma leitura crítica da mensagem que está sendo disseminada.

Há diversas formas de realizar essa análise, como por exemplo, charges para levantar as formas de interpretação de uma imagem. Mas, neste trabalho a proposta é considerar o cotidiano e a espacialidade dos alunos. Sugere a utilização de imagens do espaço que os alunos experienciam e se reproduzem, como por exemplo, a cidade, o bairro, a escola.

Além disso, para que o objetivo da atividade seja alcançado é necessário um cuidado na seleção das imagens. Recomenda-se imagens com destaques e omissões de objetos, de diferentes períodos temporais, imagens que suscitam comparações espaciais, entre outros. E assim, será possível observar a forma com os alunos recebem as imagens, como realizam a interpretação da mensagem, se já há uma forma técnica não intencional preestabelecida de leitura, etc.



Figura 1: Canal Campos-Macaé. Fonte: Arquivo Público Municipal, data não informada pela fonte.



Figura 2: Canal Campos-Macaé. Fonte: arquivo próprio, 2019.

As figuras 1 e 2 podem ser utilizadas para que seja feita uma comparação e associação espacial na leitura das imagens. Neste caso, o intuito é instigar a observação dos elementos que compõem a imagem. Questões podem surgir e até mesmo levantadas para que a leitura da imagem seja feita, como por exemplo, as imagens representam o mesmo espaço? Quais são as diferenças mais marcantes entre elas? Quais são os usos do espaço pela sociedade nas duas imagens? etc. Esse exercício possibilita o aluno entender os diferentes momentos e contextos espaço-temporais e que é de extrema importância o ato da comparação na leitura de imagens para descobrir e entender o que mudou, como mudou, por qual motivo mudou, quais são os agentes responsáveis, quais foram as motivações pois assim ressaltam as intenções e finalidades das ações no espaço.



Figura 3: Torre do Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes. Fonte: arquivo próprio, 2019.

Os destaques e omissões também nos desvelam as intencionalidades de uma fotografia. De forma semelhante, auxiliam na percepção de fatos e objetos na paisagem que muitas vezes são despercebidos, desconhecidos mas que revelam mensagens e significados. A figura 3 pode ser vista de forma confusa pela quantidade de elementos



impressos na paisagem. Se a leitura não for feita de forma minuciosa, atento aos detalhes, seu significado pode não ser compreendido. Tecnicamente, a fotografia busca evidenciar a Torre do Mercado que visualmente está “engolida” pelas marcas e acumulação do tempo histórico na paisagem.

Após o exercício de leitura de imagens, a oficina chega aos elementos técnicos necessários para a produção das imagens fotográficas. É importante ressaltar que as técnicas fotográficas se apresentam tanto na produção quanto na leitura das imagens, por isso, a apropriação técnica é crucial no processo fotográfico.

A composição de uma fotografia envolve uma série de técnicas e procedimentos que influenciam no produto final uma vez que esses elementos técnicos são cumulativos em uma imagem. Dentro da composição fotográfica temos o enquadramento, regra dos terços, foco, luz, perspectivas e ângulo, etc.

O enquadramento estabelece o primeiro contato entre o fotógrafo e o que se pretende registrar. É no enquadramento que são definidos os destaques, as omissões, o objeto principal, os planos, etc, ou seja, o enquadramento se caracteriza pela posicionalidade do objeto ou situação no quadro fotográfico. No enquadramento são estabelecidos os planos, são eles: o grande plano geral, o plano geral, os planos médios e o primeiro plano.

O grande plano geral (figura 4) estabelece uma relação de superioridade do espaço perante ao homem. Assim, as características do ambiente, da paisagem constituem a cena principal.



Figura 4: vista aérea da Praça do Santíssimo Salvador. Fonte: arquivo próprio, 2018.



No plano geral (figura 5), a sociedade e o espaço conversam e se complementam. Nesse sentido, não existe uma relação de dominação ou superioridade, mas é evidenciado as dinâmicas e interações socioespaciais.



Figura 5: Praça do Santíssimo Salvador. Fonte: arquivo próprio, 2018.

Os planos médios (figura 6) buscam evidenciar algum fato, pessoa, ou objeto no quadro fotográfico. Assim, os componentes fotografados são ressaltados na imagem em detrimento da paisagem que, neste caso, encontra-se como informação acessória em segundo ou terceiro plano.



Figura 6: cartazes. Fonte: arquivo próprio, 2019.



O primeiro plano (figura 7) caracteriza-se pelo foco total na mensagem a ser transmitida, seja ela, uma pessoa, uma expressão facial, um objeto, sentimentos, detalhes, texturas, etc. Neste caso, o quadro fotográfico isola elementos da paisagem para que sobressaia o elemento principal do quadro fotográfico.



Figura 7: manifestações contra o governo. Fonte: arquivo próprio, 2019.

O enquadramento é o primeiro passo para a fotografia e suas decisões quanto aos elementos da imagem influenciam o produto final. A regra dos terços (figura 8) é mais uma técnica que vai ao encontro das escolhas do enquadramento. Tal regra estabelece linhas imaginárias horizontais e verticais em que seus pontos de interseção são conhecidos como “pontos de ouro”.

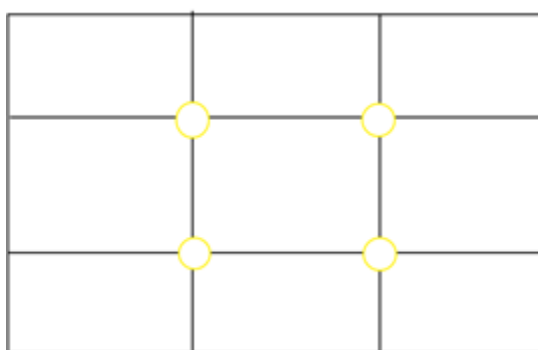


Figura 8: Esquema da Regra dos Terços. Fonte: Elaboração própria, 2021.

Os pontos de ouro estabelecem a direcionamento não intencional do receptor em uma imagem (figura 9), isto é, ao posicionar o elemento principal em um dos pontos cria-se uma visualização principal para o destaque da fotografia. Em fotografias que o



elemento principal são paisagens a regra se aplica posicionando o limite do horizonte em uma das linhas: superior horizontal ou inferior horizontal.

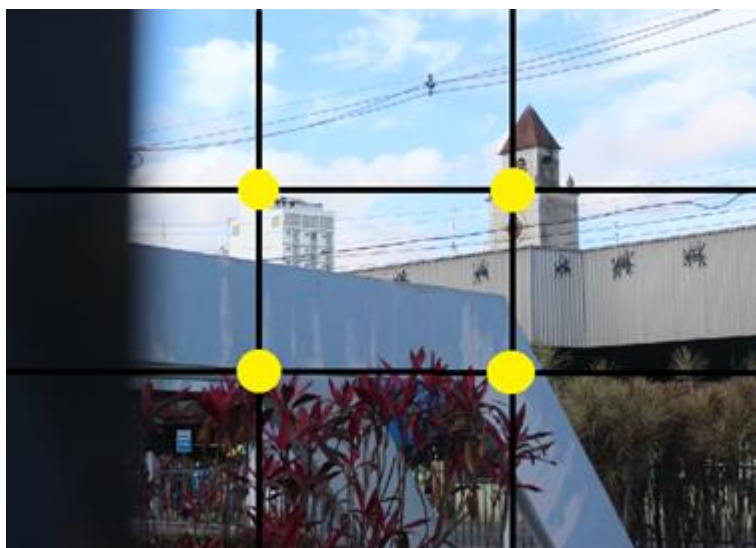


Figura 9: pontos de ouro. Fonte: elaboração própria, 2021.

O foco (figura 10) é uma das regras que nos faz questionar as próprias regras e perceber que elas também existem para serem desafiadas. Nesse sentido, a ausência de foco não indica um erro na fotografias, mas muitas vezes diz muito sobre a intenção da mensagem a ser transmitida.



Figura 10: Desfoque de movimento. Fonte: arquivo próprio, 2019.

Neste caso, chamamos de desfoque a ausência de foco em um dos planos da imagem. Acontece que o elemento de destaque no quadro fotográfico pode não estar no primeiro plano e assim torna-se necessário focar no segundo ou terceiro plano causando, conseqüentemente, um desfoque nos elementos do primeiro plano. O contrário também pode acontecer, ou seja, o objeto principal pode estar no primeiro plano e a medida em



que se aproxima do mesmo ocasiona o desfoque dos elementos no segundo e terceiro plano conforme a figura 11.



Figura 11: O foco em planos diferentes. Fonte: arquivo próprio, 2019.

Com as perspectivas e ângulos no quadro fotográfico é possível estabelecer sensações, ilusões, comparações e direcionamento do olhar por meio das linhas e formas que são a base para a representação nessa técnica. Ao explorar as linhas retas, curvas, ondulações é produzido uma visualização em profundidade do elemento na fotografia (figura 12), estabelecendo uma sensação de continuidade, grandeza, etc.



Figura 12: profundidade produzida pela angulação e pelas linhas do prédio. Fonte: arquivo próprio, 2019.

Na composição em que é preciso fazer uma comparação no quadro fotográfico (figura 13) pode-se igualar ao centro por meio de uma linha imaginária que coloque os dois elementos em evidência.



Figura 13: comparação entre elementos na paisagem. Fonte: arquivo próprio, 2018.

Ao usar a diferenciação de planos na fotografia também cria-se uma profundidade comparativa e entre elementos, mas utilizando um dos planos como uma moldura (figura 14) no quadro fotográfico. Essa moldura pode ser realizada por meio de contornos de janelas, portas, grades, arco, etc.



Figura 14: comparação entre elementos por meio da moldura. Fonte: arquivo próprio, 2018.

Da mesma forma, a diferenciação de ângulos em uma fotografia ressaltam sensações e comparações. Dependendo do objeto, fato, ou mensagem a ser transmitida através da imagem é possível utilizar diferentes ângulos, por exemplo, ao fotografar de baixo para cima (figura 15), geralmente, a finalidade da imagem é representar poder,



superioridade, força, grandeza, etc. Já de cima para baixo (figura 16), tem-se a sensação de dominação de um elemento perante ao outro, fraqueza, inferioridade, etc.



Figura 15: Catedral do Santíssimo Salvador. Fonte: arquivo próprio, 2019.



Figura 16: acumulação na paisagem. Fonte: arquivo próprio, 2019.

Essa etapa ressalta a imprescindibilidade técnica básica para a representação dos elementos dispostos no espaço. Pois não é somente sobre posicionar o elemento no quadro fotográfico, mas é conhecer o que está sendo registrado, retirar o máximo das informações, expressões, características, significados, símbolos, sentimentos, etc. Assim,

entende-se como fotografia o produto final de uma ação do fotógrafo que, diante do recurso tecnológico disponível e acessível em um dado momento cronológico e de um espaço geográfico, selecionou um tema e um enquadramento para ser registrado (STEINKE, 2014, p. 60).

Sem esquecer que as técnicas apresentadas são externadas na imagem fotográfica de forma simultânea, ou seja, elas são acumulativas no produto final uma vez que o uso,



manejo e apropriação da fotografia exige essa série de elementos técnicos que serão explorados de acordo com a intencionalidade de cada sujeito.

A edição das imagens será voltado para os ajustes locais nas imagens. Esses ajustes locais ocorrem pois a fotografia pode não ter sido correspondente a intenção no instante do clique ou para ressaltar características da imagem como luz, sombras, realces, cores, etc.

A edição de imagens pode ser realizada por meio de aplicativos gratuitos e de fácil manipulação, são eles: Picsart, Lightroom, VSCO. O Picsart terá como alvo imagens que os ajustes estarão em torno dos cortes, remoções, nitidez, desfoque, perspectivas e redimensionamento. No VSCO os recursos utilizados serão de filtros e efeitos nas fotografias. E no Lightroom o ponto central serão os ajustes de luz e cores.

O Instagram será o recurso de compartilhamento das imagens. A proposta é criar um perfil único que todos os alunos tenham acesso e que possam explorar todos os recursos da ferramenta para disseminar toda a etapa de produção das fotografias. No Feed serão postadas as imagens após a pós-produção. Nos stories os alunos poderão construir relatos em vídeos e em fotos sobre a prática de campo e as fotografias. Cada aluno também poderá criar um destaque no perfil com seu nome para que possa fixar os vídeos e fotos realizados durante a atividade. O reels e o IGTV são recursos para um compilado de vídeos e fotos, sendo que o reels são mídias curtas e o IGTV mídias de maior duração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia aqui tratada busca uma instrução pedagógica voltada para o uso e apropriação da ferramenta pelos alunos como uma forma de desnaturalizar as paisagens cotidianas a partir do trabalho de campo. Da mesma forma, que possam reconhecer o trabalho de campo não como uma expedição extraordinária, mas como uma prática que pode ser realizada a partir de seu cotidiano sendo ressignificado pela fotografia.

Portanto, como discorrido ao longo do trabalho, o desenvolvimento do ensino e aprendizagem da geografia se insere em uma conjuntura social que caracteriza-se pela veloz midiatização dos processos espaciais que, na sua predominância, está ligado à visualidade. Tal fato reforça a necessidade de conceber uma alfabetização geoimagética, ou seja, orientar a leitura e produção de imagens como um filtro de percepção do espaço.



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Raquel de. A Era da Imagem-Máquina: o simulacro. **Revista Imes**, v. 1 n. 1 (2000): Comunicação & Inovação. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/818.

Acesso em: Agosto de 2020.

BETING, G. aula fora da sala. Revista Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril, nº 161, p.39-41.

CANTO, Tânia Semene; CABRAL, Thiago Manhães. A fotografia e o trabalho de campo na Geografia Escolar: uma proposta de oficina pedagógica. In: _____. Anais do XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Belo Horizonte: IGC, 2017, p. 2041-2053.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição especial 2017. pp. 160-178.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. v. 1. 120p.

NOVAES, André Reyes. UMA GEOGRAFIA VISUAL? CONTRIBUIÇÕES PARA O USO DAS IMAGENS NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 30, P.6-22, JUL./DEZ. DE 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: Agosto de 2020.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: _____. ANAIS DO XI ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, ENPEG, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1-9

SANDERS, Rickie. Developing Geographers through Photography: Enlarging Concepts. Journal of Geography in Higher Education, Vol 31, No. 1, 181-195, 2007.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Trabalho de Campo: prática “andante” de fazer Geografia. Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 11, p. 61-74, 2002.

STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio; COSTA, Everaldo Batista. Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. - Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias - LAGIM, UnB, 2014.

STEINKE, Valdir Adilson. Imagem e Geografia: o protagonismo da “fotogeografia”. In: _____. STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante. Flávio da Costa; COSTA, Everaldo Batista. Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias - LAGIM, UnB, 2014, p. 45-77.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercícios de olhar. In: 29 Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2006, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29 Reunião Anual da ANPED, 2006.